

## **ESTÓRIAS INFANTIS: O DOCE SABOR DA INFÂNCIA**

Que sabor inenarrável possui um conto infantil! Essa tradição das mães e avós contarem estórias a seus filhos e netos e que, até algumas décadas atrás, fazia a alegria da criançada brasileira, infelizmente foi devorada pelas modernas tecnologias, pela falta de tempo dos pais e até pela inanição cultural que, de alguma forma assolou o país há algum tempo, especialmente durante a ditadura.

As belas adormecidas, sem dúvida, despertaram muitos talentos literários. As gatas borralheiras ajudaram milhares de crianças a entender melhor as diferenças sociais e formalizar uma consciência crítica mais apurada. Os patinhos feios, quem sabe, provocaram uma deflexão sobre a discriminação, as diferenças e as igualdades existentes entre os seres. Com certeza, porém, todos esses contos infantis fizeram a imaginação viajar por lugares nunca antes viaçados.

A oralidade que assegurava a transmissão das histórias de pais para filhos, até pelos motivos inicialmente citados, foi gradativamente abandonada ou substituída por publicações infanto-juvenis, ou outros recursos que passaram a ser colocados, pelos pais, nas mãos das crianças, ou trabalhados pedagogicamente pelos professores nas escolas. Isso nas classes sociais mais abastadas.

Na década de sessenta, algumas editoras abriram os olhos para o filão do mercado infanto-juvenil que despontava. Muitos escritores receberam encomendas nessa área, e milhares de publicações proliferaram. Nessa época surgiram alguns desses escritores que hoje são grandes nomes da literatura infanto-juvenil, como Rute Rocha, Ana Maria Machado e Joel Rufino, dentre outros. A literatura voltada para crianças e adolescentes, que até então tinha, no cenário nacional, em destacada evidência, Monteiro Lobato quase que sozinho nesse campo, ganhou novas companhias. Competentes, criativos e pioneiros de uma nova linguagem, esses escritores desbravaram um novo terreno: árduo e desconhecido, entretanto, delicioso. Colocar-se ao lado de grandes contadores de estórias da literatura mundial como os Irmãos Grimm, por exemplo, foi um incomensurável desafio. Hoje os escritores brasileiros, muitos premiados e reconhecidos internacionalmente, já brilham em uma constelação própria.

Da oralidade à literatura surgiu um novo impasse: ouvir é mais fácil do que ler. Claro que as escolas e a infância brasileira ainda se debatem com essa questão, e isso ainda será pano pra muita manga enquanto a pobreza cultural persistir.

Não resta dúvida de que a contação de estórias que atingia indistintamente pobres e ricos, não encontrou uma substituta à altura. Nem mesmo a televisão, com todas as qualidades e defeitos que lhe são atribuídos quando se discute sua participação na vida educacional e cultural do país, consegue, com sua programação, enriquecer o imaginário infantil com igual eficiência.

Cultivar a imaginação infantil, povoando-a de mistérios, emoções e curiosidade, corresponde a alimentar da maneira mais saudável possível a formação de personalidades inquietas, criativas e produtivas que tanto fazem a diferença nas comunidades notadamente marcadas pelo comodismo.

O gosto do encanto, em que fadas e bruxas, anões e gigantes, reis e rainhas incitam o apetite por indescritíveis aventuras, não morrerá jamais na lendária memória do país e, servirá de ponte para um universo repleto de surpresas onde a fantasia terá sempre seu lugar de honra.

Professor Américo Calheiros - Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul